

## A HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA E IMUNOLOGIA

Por Tomaz Aroldo da Mota Santos(\*)

O Departamento de Bioquímica foi criado formalmente em 1968, com a instituição da estrutura departamental nas universidades brasileiras pela Lei 5540. No entanto, sua origem remonta aos anos vinte, graças à liderança do Professor José Baeta Vianna, catedrático de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (UMG), hoje, UFMG. Professor Baeta atraiu jovens talentosos para o seu laboratório; neles infundiu a paixão pela ciência e o gosto pela vida universitária, e com eles, fundou a Bioquímica brasileira.

### *A origem da Bioquímica em Minas Gerais e no Brasil*

Os Professores Armando Gil de Almeida Neves, Enio Cardillo Vieira e Giovanni Gazzinelli, discípulos de Baeta Vianna, contam como se originou a bioquímica em Minas e falam de Baeta Vianna como personagem da história da bioquímica brasileira:

*“**Bioquímica** por definição é a ciência que estuda o ser vivo no nível molecular. A definição tem a ambigüidade aparente de colocar esta ciência ao mesmo tempo no campo das ciências biológicas e no campo das ciências exatas. A primeira pessoa que criou uma disciplina acadêmica com o nome de **Química Fisiológica**, hoje reconhecida como **Bioquímica**, foi o médico alemão **Ernst Felix Hoppe-Seyler**. Desta maneira, Hoppe-Seyler é reconhecido como o primeiro cientista rotulado de **Bioquímico**: foi o primeiro a isolar a lecitina, criou a palavra **proteid**, hoje **proteína**, publicou várias contribuições ao estudo do metabolismo, fez pesquisas sobre a clorofila, sobre o sangue, especialmente sobre a hemoglobina humana que ele foi o primeiro a cristalizar. A primeira revista científica de Bioquímica foi fundada e editada por Hoppe-Seyler em 1877: **Zeitschrift für physiologische Chemie**.*

*Os dois cientistas reconhecidos hoje como os primeiros bioquímicos americanos foram: **Lafayette Benedict Mendel** de 1903 a 1935 na Yale University, e **Thomas Osborne** na Harvard University.*

*O primeiro bioquímico brasileiro foi **José Baeta Vianna** (ele não gostava do José preferia J. Baeta Vianna ou Baeta Vianna ou simplesmente Baeta) da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (UMG). Baeta Vianna graduou-se em medicina na terceira turma da Faculdade de Medicina–UMG, em 1919. Por ter sido um aluno brilhante, a direção da recém fundada Faculdade sugeriu que Baeta Vianna escolhesse uma cadeira para se tornar professor da instituição. O professor de Química Orgânica de Baeta Vianna, o alemão **Alfred Schaefer**, sugeriu que, como ele gostava de química, deveria ser professor de **Química Fisiológica**. Baeta Vianna aceitou a sugestão mas disse que, primeiro, tinha de se especializar nessa nova disciplina, nos Estados Unidos.*

*Nos Estados Unidos estagiou com os dois primeiros bioquímicos americanos; na Harvard University, com Thomas Osborne, e com Lafayette B. Mendel, na Yale University.*

*Diz Armando G. Neves: “quando estive na Yale University como um Post-Doctoral Research Fellow (1963-1965), deparei-me, no “hall” principal do prédio da escola de medicina, com um grande retrato a óleo de Lafayette B. Mendel. Nessa época conheci no*

*Departamento de Bioquímica um Professor Emérito, Howard Clark, o qual, quando me apresentei como brasileiro, me disse que havia conhecido antigamente um brasileiro brilhante, J. Baeta Vianna, que inclusive havia sido seu colega em um curso de Leonor Michaelis.*

*Quando Baeta Vianna voltou ao Brasil, em Belo Horizonte, tornou-se o primeiro Catedrático de Química Fisiológica do país. Montou um laboratório e formou um grupo de pesquisa com estudantes de medicina voluntários.*

*Nos primórdios da Faculdade de Medicina seu corpo docente era constituído por grandes nomes da medicina mineira que dividiam seu tempo entre a docência e suas grandes clínicas. A maioria era formada na capital da república, Rio de Janeiro, estudando principalmente em livros franceses. Não havia pesquisa nem qualquer outro envolvimento com a Faculdade além das aulas magistrais.*

*Baeta Vianna não tinha clínica. Desde o início dedicou-se integralmente à sua Cadeira, dia e noite. A sua atividade intensa, e as suas inovações terminaram por gerar ciúmes e conflitos. O professor Baeta contava que nos primeiros dez anos de sua carreira, entrava na Faculdade com vaías de alunos e professores. A direção da faculdade chegou a cortar a energia elétrica do seu laboratório para impedir o seu funcionamento noturno; teve de produzir gás para iluminação para não interromper as atividades da noite. Finalmente, seu valor foi reconhecido e nos dez anos seguintes, tornou-se paraninfo de todas as turmas de formandos da faculdade. Seus discursos de paraninfo são verdadeiras obras de humanismo, ainda atuais.*

*Baeta Vianna produziu poucos trabalhos científicos, talvez por causa da autocrítica exagerada do grande scholar que ele era. Entre seus trabalhos se encontra a síntese do iodeto de bismutita que era a base farmacológica do medicamento IODOBISMAN usado no tratamento da sífilis que assolava a humanidade no começo do século XX. Como cientista, Baeta Vianna nunca teria uma boa classificação se na sua época existisse um Citation Index.*

*O seu grande mérito foi o seu pioneirismo e a formação de pessoal que espalhou seus ideais acadêmicos por todo Brasil. Numa época em que não havia uma pós-graduação formal no país, Baeta Vianna tinha um método de formação de pessoal que não deixava nada a desejar em relação a qualquer curso de pós-graduação de alto nível existente hoje.*

*Inicialmente, ele procurava inculcar no estudante o conceito de rigor e precisão no uso do método científico. Seu instrumento básico era a balança analítica, aquela sem amortecedores magnéticos. O aluno aprendia a contar as oscilações pendulares do ponteiro da balança, deslocamento do ponto de equilíbrio das pesadas, curvas de sensibilidade com vários pesos, duplas-pesadas, correção para o vácuo, aferição de pesos, etc.*

*Em seguida, o aluno passava à análise volumétrica começando com uma limpeza rigorosa do material e calibração de pipetas. E depois, escolha e preparo de padrões primários para acidimetria, alcalimetria, oxidimetria, tudo dentro de padrões extremamente rigorosos. Depois, passava-se à análise gravimétrica e outros métodos de análise instrumental tais como espectrofotometria, potenciometria, gasometria, etc.*

*Depois dessa fase, o iniciado passava para uma outra: projetos de pesquisa, que nunca tinham fim. Cada projeto começava por uma revisão bibliográfica do assunto a ser estudado, que era seguida de um treinamento exaustivo dos métodos a serem usados, e,*

*finalmente, passava à pesquisa propriamente dita. Quando a pesquisa começava a ficar interessante o tema era mudado, com muita frustração do aluno.*

*Diz Armando G Neves: “Quando passei por essa fase, trabalhei exaustivamente com dosagem de iodo protéico e de enzimas proteolíticas em glândulas tireóides normais e patológicas; cristalização de proteínas; titulação potenciométrica de aminoácidos, peptídios e proteínas; separação cromatográfica de ácidos graxos do plasma; separação e identificação de esteróides da geléia real; dosagem de ácido ascórbico oxidase em pepino; ação de hormônios sobre o epitélio vaginal de ratas; bases púricas e pirimídicas do DNA de Biomphalaria glabrata; dosagem de gases no sangue e equilíbrio ácido-base. Na época, senti uma frustração profunda em cada mudança de projeto mas hoje entendo o objetivo do grande mestre: fui apresentado a uma grande variedade de métodos, físicos, químicos e biológicos para lidar com os vários tipos de moléculas biológicas: carboidratos, lipídios, proteínas, ácidos nucléicos, hormônios. Depois desta vasta apresentação pude definir minha afinidade pela físico-química de proteínas.*

Sobre a pedagogia baetiana, testemunha Giovanni Gazzinelli:

*“caracterizava bem a capacidade do Professor Baeta Viana para atrair estudantes, o fato de que suas aulas para estudantes de graduação de Medicina, em geral duravam de 2 a 3 horas, e nelas eram tratados a situação política do País e outros temas ideológicos, além, é claro, de Bioquímica. O Sr. Antônio Lisboa, técnico, estava presente a todas as aulas.”*

*“O Prof. Baeta dava enorme importância à noção de precisão para a formação do cientista: lembro-me – continua Gazzinelli – que ao se iniciar no laboratório, a primeira atividade era aprender a soprar vidro para, a partir de um bastão de vidro, construirmos nossas próprias pipetas que eram então calibradas em balança analítica. Em seguida cada um recém admitido no Laboratório recebia um tema para pesquisar. A mim coube a investigação do aparecimento da amilase em recém-nascidos (O Baeta intuiu que eu seria pediatra). A dosagem era realizada em urina de recém-nascidos que era obtida de berçários do Hospital. Paralelamente, às escondidas, o Marcos (Mares Guia) e eu iniciamos a investigação da caracterização e origem da uropepsina, uma atividade proteolítica existente na urina.”*

*“Ocasionalmente, o Baeta nos convidava para irmos à sua residência (morava com uma irmã em frente à Imprensa Oficial na avenida Augusto de Lima) para ouvirmos Wagner”.*

*“Praticamente todas as tardes (entre 17 e 19 horas), tínhamos aula de doutrinação em que o Baeta falava, além da alta qualidade da ciência americana e insuficiência da francesa, sobre arte e política. Isto incluía os sábados também”*

*“Frequentemente tínhamos seminários de artigos de revista (journal club); lembro-me que o primeiro trabalho que resumi foi um de Monod e Jacob sobre a indução de  $\beta$ -galactosidase em *E. coli* (este trabalho publicado no BBActa foi o início da caminhada destes cientistas para o Prêmio Nobel).*

*“O Baeta publicou muito pouco. Se não me engano, cinco trabalhos. A minha interpretação é a de que seu espírito crítico exagerado o impedia de completar os trabalhos. Havia sempre um questão a mais para ser investigada. Mas, já preparando a sua aposentadoria, convidou Julio Pudles, um pesquisador brasileiro que sempre trabalhou na França para vir para o Laboratório. Com Julio Pudles, Beraldo, Wilmar,*

*Marcos e eu, publicamos o primeiro trabalho dessa nova etapa do laboratório, ainda sobre a direção do professor Baeta (tenho a impressão, que essa publicação foi o motivo de discórdia entre o Julio e o Prof. Baeta, e a razão pela qual Julio Pudles não ficou em Belo Horizonte)”.*

*“ É interessante notar – relata Gazzinelli - que, quando cheguei dos Estados Unidos, o Enio já havia voltado da Tulane com o seu Ph.D. Foi a partir dos resultados do Enio que conseguira já obter caramujos germ-free em tubos de ensaio , é que vi a possibilidade de se fazer ciência no Departamento de Bioquímica onde, na ocasião, só existiam como equipamentos um espectrofotômetro (Beckman), uma balança analítica e um aparelho de eletroforese livre (Tiselius). Aliás, eu não teria ido para os Estados Unidos não fora o Enio insistir com o Dr. Watson, um dos Diretores da Rockefeller.*

*Do grupo de Baeta Vianna, vários se tornaram docentes da sua Química Fisiológica e a maior parte dele constituiu o núcleo inicial do atual Departamento de Bioquímica: Armando Gil de Almeida Neves, Bernardino de Assis Ladeira, Carlos Ribeiro Diniz, Enio Cardillo Vieira, Eurico Alvarenga Figueiredo, Giovanni Gazzinelli, Ildeu Oliveira Santos, Marcos Luiz dos Mares Guia, Sales Jesuino de Souza. Do mesmo grupo, saíram para a Faculdade de Medicina da UMG: Oromar Moreira, Janot Pacheco e Viriato Magalhães, para a Biofísica; Wilson Teixeira Beraldo e Fernando Alzamora, Fisiologia; Joaquim Romeu Caçado, Terapêutica Clínica; João Gallizzi, Clínica Propedêutica; Aulo Pinto Viegas Endocrinologia, José Henrique da Mata Machado, Ortopedia.*

*José Leal Prado e Eline Prado, casados, ambos sob a orientação do professor Baeta Vianna, foram os primeiros bioquímicos de São Paulo, na Escola Paulista de Medicina. Para São Paulo foi outro casal Sebastião Baeta Henriques e Olga Bohomoletz Henriques; para o mesmo Estado também foram Carlos Ribeiro Diniz e Wilson Teixeira Beraldo, ambos para o Instituto Biológico, e José Ferreira Fernandes, para o Departamento de Histologia da USP.*

*José Moura Gonçalves foi para o Instituto de Biofísica, do Professor Carlos Chagas Filho, na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Na fundação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Baeta Vianna indicou J. Moura Gonçalves para o Departamento de Bioquímica, a pedido do Diretor (fundador) Zeferino Vaz. Moura Gonçalves aceitou e levou junto Carlos Ribeiro Diniz, nessa época ainda no Instituto Biológico.*

*Baeta Vianna investiu no aprimoramento intelectual dos integrantes do seu grupo e implantou a pesquisa bioquímica em tempo integral na UMG. Ressalte-se que a Faculdade de Medicina foi federalizada em 1950. Portanto, todo trabalho desenvolvido no Laboratório de Bioquímica foi realizado com recursos precários. Baeta Vianna financiava, com seu dinheiro, as pesquisas. A partir de 1954, contou com o apoio financeiro da Fundação Rockefeller, o que permitiu a alocação de bolsas de estudo no exterior, suplementação de salários de docentes em tempo integral e, ainda, a aquisição de equipamentos para o laboratório.*

*Como não havia pós-graduação formal no país, a CAPES, a partir da década de 50, credenciou a Química Fisiológica da UMG como um centro de excelência onde docentes de outras universidades poderiam estagiar para aprofundar seus conhecimentos em bioquímica. E de fato, para aqui vieram professores de muitos estados brasileiros e mesmo de outros países da América Latina.*

*Desse período fundador, como técnicos, participaram Antônio Lisboa da Silva e Francisco Abílio do Nascimento, entre outros, e a secretária administrativa Catharina Demetrio; eles deram suporte às atividades de ensino e pesquisa bem como à parte administrativa do Laboratório de Química Fisiológica.*

*A atuação de Baeta Vianna não se restringiu ao Laboratório de Bioquímica. Fundou a Biblioteca da Faculdade de Medicina em uma época em que nessa havia poucos livros franceses, velhos, de anatomia e de medicina, e em que muitos professores negavam acesso de estudantes à informação científica. Baeta Vianna, em 1926, recriou e dirigiu até a sua aposentadoria a biblioteca da Faculdade de Medicina que, hoje, tem o seu nome. Introduziu publicações científicas em inglês e alemão, em detrimento do francês, comprou livros novos americanos e fez as primeiras assinaturas de revistas científicas, com recursos próprios.*

*Por influência de Baeta Vianna, um milionário da época, o Coronel Benjamim Guimarães, doou recursos para criar a Fundação Benjamim Guimarães, que construiu e manteve o Hospital da Baleia, primariamente destinado a atender crianças pobres vítimas de seqüelas da poliomielite, numa época em que não havia vacina para esta doença. Foi por inspiração de Baeta Vianna que José Henrique da Mata Machado, um egresso do seu grupo, foi enviado para os Estados Unidos para treinamento em cirurgia ortopédica reparadora em vítimas da poliomielite. Enquanto viveu, Baeta Vianna foi o diretor permanente do hospital.*

*Também por inspiração de Baeta Vianna, surgiu a Fundação Mendes Pimentel, nome que homenageia um grande advogado e o primeiro reitor da UMG. Essa Fundação, que ainda existe, tem por objetivo a manutenção de alunos pobres na universidade. Baeta foi o primeiro presidente da Fundação e dirigiu-a até a sua morte.*

*Politicamente, Baeta Vianna era um opositor ferrenho do ditador Getúlio Vargas. No período democrático aceitou ser Secretário de Estado de Saúde de Minas Gerais, no governo Milton Campos, onde deixou sua marca. Foi Reitor da Universidade do Distrito Federal, fundada por Anísio Teixeira, posteriormente desativada pela ditadura Vargas.*

*Idealizou o Iodobisman (associação de iodo com bismuto), usado no tratamento da sífilis, antes do advento dos antibióticos*

*Baeta Vianna, filho de uma família rica, consolidou sua riqueza com a comercialização do IODOBISMAN, mas não se isolou dentro da sua química fisiológica; sempre demonstrou preocupação social. Como médico, preocupou-se com os problemas de saúde do brasileiro pobre, e como professor, com problemas educacionais do estudante pobre, de valor.*

*A partir de 1962, o Prof. Baeta Vianna gozou férias prêmio, sucessivamente, até 1964, quando se aposentou. Depois de sua aposentadoria compulsória, Baeta Vianna nunca mais entrou no Laboratório de Química Fisiológica. Morreu pouco tempo depois, sozinho, em um hotel de luxo em São Paulo para onde tinha ido para examinar um concurso do Moinho Santista. A direção do hotel temendo repercussões negativas enviou o corpo, como o de um indigente, para o necrotério da Faculdade Paulista de Medicina. Só não foi sepultado como indigente porque seu antigo discípulo J. Leal Prado o reconheceu.*

*Neste interregno, o Professor Eurico de Alvarenga Figueiredo assumiu a liderança da Bioquímica. O prof. Eurico teve, entre outros, o grande mérito de manter o grupo coeso e ativo, até que assumisse o novo catedrático, o Professor Carlos Ribeiro Diniz, a partir de 1964.”*

## O Departamento de Bioquímica: da herança baetiana à modernização

O professor Carlos Diniz expandiu o capital humano e cultural herdado de Baeta Viana. Excelente articulador político e acadêmico, dinamizou ainda mais a atuação dos professores formados por Baeta Vianna. Compartilhou o poder: convidou professor Giovanni Gazzinelli para ser seu Vice-Chefe e instituiu grupos não-formais de consulta política e acadêmica (antes mesmo da existência das câmaras departamentais como as conhecemos hoje); distribuiu funções; valorizou o ensino de graduação; propiciou a criação da pós-graduação; coordenou projetos conjuntos de ensino e pesquisa. A Bioquímica mineira tornou-se um grupo coeso de cientistas e educadores.

A efervescência política do começo dos anos sessenta punha em debate as reformas sociais, culturais e econômicas – as então chamadas “reformas de base”- vistas como mudanças estruturais necessárias para o desenvolvimento do País. Entre essas, incluía-se a reforma universitária, reivindicada por estudantes e professores. A reforma seria instrumento de modernização da estrutura da universidade brasileira, à época baseada em cátedras. A idéia de modernização tomou corpo com a criação da Universidade de Brasília (1961), sob a orientação de Darcy Ribeiro, e com o plano de reforma da UMG (1963), pioneiro nas universidades federais, sob a liderança do reitor Aluísio Pimenta.

Em 1967, foi criado o curso de pós-graduação em Bioquímica, um dos primeiros no Brasil no atual formato da pós-graduação brasileira. Isto se deu nessa circunstância de renovação da universidade pública brasileira, antecedendo a criação dos departamentos, onde, posteriormente, viriam a ser criados e localizados todos os outros cursos de pós-graduação. Registre-se que os “institutos centrais”, entre os quais o atual Instituto de Ciências Biológicas, já criados, significavam um aspecto da renovação da estrutura da UMG, como consequência do plano da reforma.

A pós-graduação em Bioquímica representou, pois, uma antecipação da experiência coletiva da vida departamental, que era um contraponto à estrutura vigente das universidades brasileiras, baseada em cátedras, nas quais o catedrático exercia um poder monocrático tanto nos aspectos administrativos como acadêmicos. Essa antecipação provavelmente se explique pela convergência do espírito renovador da época com a existência do grupo de bioquímicos da escola baetiana, agora sob a liderança dos Professores Carlos Diniz, Enio Cardillo Vieira, Giovanni Gazzinelli e Marcos Mares-Guia, este último, organizador e primeiro coordenador do curso de pós-graduação. Faziam parte desse grupo, além dos citados, os professores: Armando Gil de Almeida Neves, Bernardino de Assis Ladeira, Eurico Alvarenga Figueiredo, Ildeu Oliveira Santos e Marcus Vinicius Gómez .

A criação dos institutos centrais e dos departamentos buscava ampliar a oferta e melhorar as condições de ensino e pesquisa na universidade. Uma das estratégias para alcançar essas metas era reunir recursos humanos e materiais existentes na universidade e dispersos nas cadeiras de mesma denominação nas diferentes unidades acadêmicas. A expressão “evitar duplicação de meios para os mesmos fins”, diretriz importante da reforma, era o sinal para reunir num só local professores da mesma disciplina.

Como uma consequência dessa diretriz, reuniram-se ao grupo originário da Faculdade de Medicina, agora integrantes do departamento de Bioquímica do Instituto de Ciências Biológicas, os professores de Bioquímica em outras Faculdades: Aníbal Antonio da Silva Pereira, Jader Barroso, Lieselotte Jokl e Maria Luiza Tupynambá todos vindos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras; Amintas Fabiano Figueiredo, Arinos Magalhães e

Tasso Moraes e Santos, da Faculdade de Farmácia; Éder Silva, Flávio Gomes da Silva, George Washington Gomez de Moraes, e Maria Celeste Henriques Gontijo de Paula, da Escola de Veterinária.

Mais tarde (1969), por proposta do Prof. Diniz, o departamento passa a denominar-se *Bioquímica e Imunologia* e incorpora os professores Wilmar Dias da Silva, antes do departamento de Fisiologia, Ataulpa Pereira dos Reis e Lucyr Jones Antunes, antes docentes no departamento de Microbiologia e na Faculdade de Filosofia, respectivamente. No correr dos anos 70, para completar a diversificação do seu grupo de professores, o departamento recebeu, por transferência, alguns ex-docentes do extinto Colégio Universitário: Ana Maria Miranda Afonso, Antonio Ernani Teixeira, Edyr Rogana, José Carlos Arruda Lana e Sonia Rogana. Tarefa nova à liderança de Prof. Diniz e Prof. Giovanni foi integrar esses diferentes grupos no mesmo corpo docente do departamento.

Essa integração não se deu de uma única maneira em cada disciplina, mas seguiu diretrizes comuns. Entre elas, cabem ressaltar: os professores mais jovens do grupo e que ainda não eram titulados foram estimulados a fazer sua pós-graduação no próprio departamento; todos os professores lecionavam na graduação; as disciplinas da graduação foram valorizadas e modernizadas (sinais disto foram a introdução do ensino por objetivos e do uso do mapa metabólico como instrumentos pedagógicos); todos os professores titulados integravam o corpo docente da pós-graduação; todos os professores eram estimulados a participar de pelo menos um projeto de pesquisa; constituíram-se diferentes áreas de pesquisa adaptadas à especialidade de cada docente da pós-graduação: bioquímica da nutrição, liderada pelo Prof. Enio Cardillo Vieira; toxicologia, pelos Professores Carlos Ribeiro Diniz e Marcus Vinicius Gomez; química de proteínas, pelo Prof. Armando Gil de Almeida Neves; enzimologia, pelo Prof. Marcos Luiz dos Mares Guia; bioquímica de parasitas e imunoparasitologia pelos Profs. Giovanni Gazzinelli, Aníbal Antonio da Silva Pereira, Eurico Alvarenga Figueiredo e Wilmar Dias da Silva; controle biológico, pelo prof. George Washington Moraes.

Na linha da integração, ressaltem-se ainda: a realização de seminários semanais de pesquisa; elaboração de projetos de pesquisa abrangentes para financiamento da infraestrutura da pesquisa e da pós-graduação; desenvolvimento de mecanismos de consulta aos docentes, através da câmara e da assembléia departamental (sem nunca dispensar-se um bom papo nos gabinetes/laboratórios dos professores, no cafezinho ou nos corredores); inclusão do conjunto dos professores nos eventos externos, principalmente nos congressos científicos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e, em especial, da Sociedade Brasileira de Bioquímica, após sua criação e a realização das reuniões anuais em Caxambu, empreendimentos dos quais o departamento foi um dos protagonistas; a valorização do conhecimento dos professores vindos das diferentes unidades, principalmente quando se tratava de temas de suas respectivas especialidades.

Não se pode deixar de considerar os papéis singulares de cada professor na liderança das respectivas áreas de pesquisa ou no departamento em geral: eles sempre foram acolhedores e exerceram papel de aconselhamento e orientação aos professores mais jovens e aos estudantes de pós-graduação. Mecanismos como esses faziam crescer entre os professores, estudantes, técnicos e funcionários o sentimento de pertencimento à comunidade departamental.

Com o passar do tempo, aumentavam as responsabilidades do Departamento com o ensino de graduação à medida que o ICB era demandado a oferecer disciplinas do ciclo básico para os diversos cursos da área biológica. Com isso, o Departamento também

crescia. Num período em que havia poucos cursos de pós-graduação no Brasil, o Departamento contratou mestres e doutores por ele mesmo formados para o ensino e pesquisa nas suas áreas de atuação; já era um resultado de sua pós-graduação.

Para além dessa expansão, quando foram chefes o Prof. Eurico Alvarenga Figueiredo e Prof. Marcos Luiz dos Mares-Guia diversificaram ainda mais as áreas de pesquisa do departamento, contratando docentes de Bioquímica Orgânica (prof. David Lee Nelson), de Biologia Molecular (Prof. Sérgio Pena) e Imunobiologia (Prof. Nelson Vaz).

O que é hoje o Departamento de Bioquímica-Imunologia em parte se deve às iniciativas pioneiras tomadas coletivamente, com lucidez e ousadia pelo núcleo fundador, um grupo de professores comprometidos, em tempo integral, com o ensino e com a pesquisa científica.

Também contribuiu para o que somos hoje, a diversidade do corpo docente: ela ampliou enormemente os temas de ensino e pesquisa do Departamento e constituiu o espírito que anima e alcança os sucessores e atuais professores do Departamento. Não lhes passou despercebido o sentido do desenvolvimento do nosso País e por isso o Departamento de Bioquímica e Imunologia, para além de sua contribuição nos campos da educação e da ciência, apoiou iniciativas que resultaram no desenvolvimento de empresas de base tecnológica que prestam relevantes serviços ao nosso País.

(\*) Os parágrafos em itálico referem-se às contribuições dos Professores Armando Gil de Almeida Neves, Enio Cardillo Vieira, e Giovanni Gazzinelli na elaboração deste texto.

Novembro de 2005